

# ILLUSTRAÇÃO

EDIÇÃO SEMANAL  
Empreza do jornal O SECULO

José Joubert Chaves  
EDITOR

Toda a correspondência relativa a esta publicação deve ser dirigida  
com o endereço *Illustração Portuguesa*—Lisboa.

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photographica, zincographia, stereotypia, typographia e impressão — Rua Formosa, 43 — LISBOA

# PORTUGUEZA

PRIMEIRO ANNO

SEGUNDA FEIRA, 8 DE FEVEREIRO DE 1904

NUMERO 14



O ALMIRANTE FRANCISCO MIAUEL BARROSO DA SILVA

O almirante Barroso nasceu em Lisboa a 29 de setembro de 1801 e sahio d'esta cidade sendo ainda muito novo. No Brasil careou as aulas de marinha, sendo nomeado aspirante em 1824, guarda-marcha em 1825, em 1827 foi promovido a 2.º tenente, em 1829 a 1.º tenente, a capitão-tenente em 1836, a capitão de mar e guerra em 1852 e a chefe de esquadra em 1867. Em 11 de junho de 1865, sendo chefe do diviso em Buenos Ayres a bordo do paquete *Amazonas*, encarregou-se do bloqueio de Para-

guay e ganhou a batalha de Riachuelo, victoria decisiva para as armas brazileiras e que deu ao almirante a justa reputação de marujo esforçado e de cabo de guerra valoroso. Coberto de gloria e tendo recebido o titulo de barão do Amazonas, o almirante Barroso morreu em Montevideo a 8 de agosto de 1883.

# CHRONICA

## Homens do mar

Ainda não ha muitos dias, além, no Chiado, o mundo official assistiu á cerimonia da descoberta da lapide na casa onde nasceu o almirante Barroso, ali pelo anno de 1804, n'um tempo em que se cerrava mais a mais a treva do destino de Portugal como n'um nevoeiro de luto após a aurora boreal da obra pombalina.

Mais uma vez se fez justiça, uma grande, clara e aberta justiça, e mais uma vez se affirmou a ligação dos dois povos, dando-se a tranquillidade á consciência e um magno subsidio para a historia das duas nações irmãs.

Barroso foi um heroe que no meio da metralhada, impavido a glorificar-se á sombra da bandeira brasileira, se tornou digno da terra que lhe fora berço e d'aquella que escolheira para servir!

Em Riachuelo mais um nome se affirmou, mais um feito nasceu para engrinaldar o brazão de tantos outros feitos, mais uma batalha toda de grandeza e de triumpho se assignalou para honra do nome portuguez e para gloria da historia do Brazil!

Morreu velhinho, o almirante, morreu entre os seus, respaldado e querido, no culto dos proprios inimigos, dos vencidos, recordando talvez na hora extrema a abordagem homérica em que o sangue jorrou e em que uma bandeira cahiu ferida pela metralha enquanto a outra—a d'esse paiz que elle amou e serviu—se ostentava triumphal nos ares ao som das salvas n'uma gloriosa manhã.

Foi pois bem justa essa homenagem, essa consagração ao neto dos navegadores, ao legitimo descendente dos leões do mar, dos valorosos e arrojos descobridores!

Ali ficou na pedra branca um nome e uma data, um fasto a mais e um consolo enorme para corações portuguezes e brasileiros!

E n'esse mesmo dia em que no Chiado se consagrava a memoria do almirante, esteve na nossa redacção um velho corpulento, espadando, fustado pelas soalheiras, um typo herculéo da maruja, figura de romance épico feita para uma aureola e para uma armadura.

Era o arraes Gabriel Ancã, um marinheiro no qual já vae faltando a vista para as lides, um bravo a cujos braços fortes mais de cento e vinte pessoas deveram a salvação.



O ARRAES GABRIEL ANCÃ

Couta actualmente 65 annos, é o completo typo do homem do mar, aliando a uma coragem sem limites uma modestia sem igual. E' condecorado com as medalhas de salvação d'ouro e pr'ata e com a de valor, concedida pelo governo francez em paga do arrojio de que deu provas o usado velho por occasião do naufragio do vapor *Nathalie*.



A casa n.º 17 da rua Garrett em Lisboa, onde nasceu no anno de 1804 o heroe de Riachuelo, almirante Francisco Manoel Barroso da Silva, barão do Amazonas.

Diante d'elle, commovidos e admirados, olhando essa legenda viva, sentimos que a sua obra enorme, humanitaria e arrojada merecia tambem uma consagração.

Elle cumpriu a sua tarefa, sem um carinho e sem uma gloria, n'uma lucta a braço com os vagalhões fortes, sob a tempestade e dominando as aguas revoltas, diante das companhias abyssmadas por tanta audacia. Não serviu apenas a patria, serviu a humanidade, creou uma escola de heroismos, tornou-se como uma Providencia forte e rude, modesta e extranha, no arrancar ás ondas as presas e fugindo aos agradecimentos. Brillam no seu largo peito tres medalhas, no seu coração aninha-se a bondade. E' um obscuro e um heroe, é um ignorado e uma epica figura!

Tem 65 annos e mal pôde trabalhar, o pobre do arraes, do grande arraes, que nasceu em Ilhao e lá tem vivido, humilde e isolado, ganhando hoje para comer amanhã!

E' um homem do mar, é um grande homem do mar, o arraes Ancã!

A sua tarefa foi valorosa e feita em silencio, na vastidão do mar, a sós, luctando braço a braço para arrancar vidas ás ondas temerosas.

Pois o pobre do arraes de vista cansada e sem trabalho, com as medalhas ao peito e com a desgraça a minal-o, anda pedindo um pedaco de pão para comer além no seu canto, ouvindo o oceano e vivendo de recordações como o velhinho almirante do Brazil!

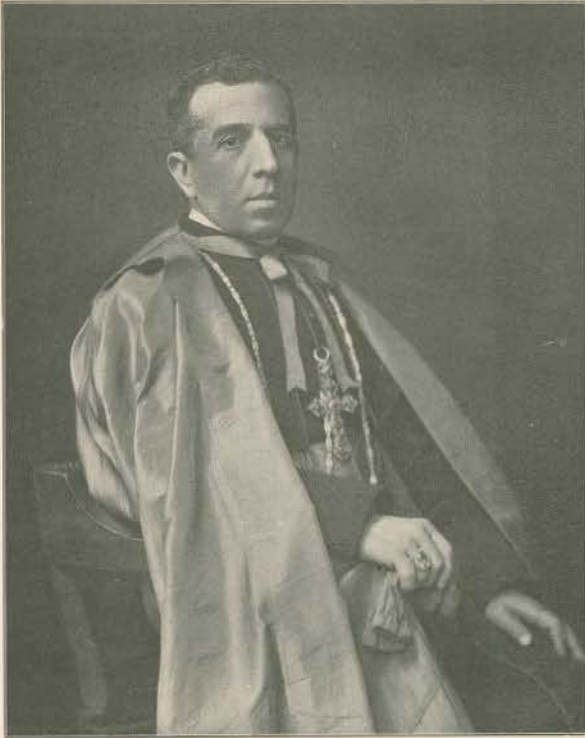
E' dominador e ao mesmo tempo simples esse arraes, é singelo e tocante o colosso que entre nós esteve, enquanto no Chiado se glorificava outro marinheiro como elle, épico, enorme e heroico!

Um já ha muito repousa em paz, o outro estende a mão a pedir sustento!

Assim ao abandono, o homem do mar, o pobre arraes, vae julgar que o mundo é mais perloido do que a altaneira onda!

Senhores: se reparaisseis um pouco n'elle?!

ROCHA MARTINS.



O NOVO NUNCIÓ DE S. MONSENHOR JOSÉ MACCHI

O novo nuncio de S. em Lisboa nasceu em Palestrina, em 1845, e começou a sua carreira diplomática por intermédio apostólico no Brazil, passando depois para a nunciatura de Manich e d'Ali para Lisboa. Foi bispo titular de Gaudara e arcebispo titular de Amassá, sendo ultimamente nomeado arcebispo de Thessalonica.



O CONSUL DO BRAZIL SR. DR. MANUEL DA SILVA PONTES

Foi consul privativo em Marselha, depois em Londrea e em 1891, promovido a consul geral, serviu de novo em Marselha, indo ao cabo do tempo para Buenos Ayres, d'onde partiu em 1901 para Lisboa a exercer o mesmo cargo.



OS OFFICIAES DO BENJAMIM CONSTANT, NAVIO ESCOLA DA MARINHA BRAZILEIRA

1 — 2.º tenente Celestino de S. João. — 2 — 1.º tenente João Huet Pinto Guedes. — 3 — 1.º tenente Luiz Cyrillo Pinto. — 4 — O sr. Alencastro Graça, commandante do Benjamim Constant. — 5 — Capitão tenente Amynthas José Jorgo, immediato do Benjamim Constant. — 6 — 1.º tenente Pedro Manoel Sarras. — 7 — 1.º tenente José A. Graca. — 8 — 2.º tenente Arthur Duarte. — 9 — 2.º tenente Alberto Lima Barros. — 10 — 1.º tenente Alfredo Teixeira. — 11 — Dr. Aurelio Veiga, medico a naval. — 12 — 2.º tenente Manuel Gama. — 13 — 2.º tenente Tacito Rego. — 14 — 1.º tenente Carlos Pe-

reires Guimarães. — 15 — 2.º tenente José do Couto Aguiar. — 16 — Dr. Luiz Augusto Pinto, medico naval. — 17 — 1.º tenente Ignacio Joaquim Ribeiro. — 18 — 2.º tenente Nicauaz Justino Proença. — 19 — 2.º tenente João d'Assis Milanez. — 20 — 1.º tenente Carlos Frederico Noronha. — 21 — 2.º tenente Joaquim Carvalho. — 22 — 1.º tenente Carlos A. dos Reis. — 23 — 2.º tenente Alfredo Dedowarth. — 24 — 2.º tenente Marcelino de Souza.

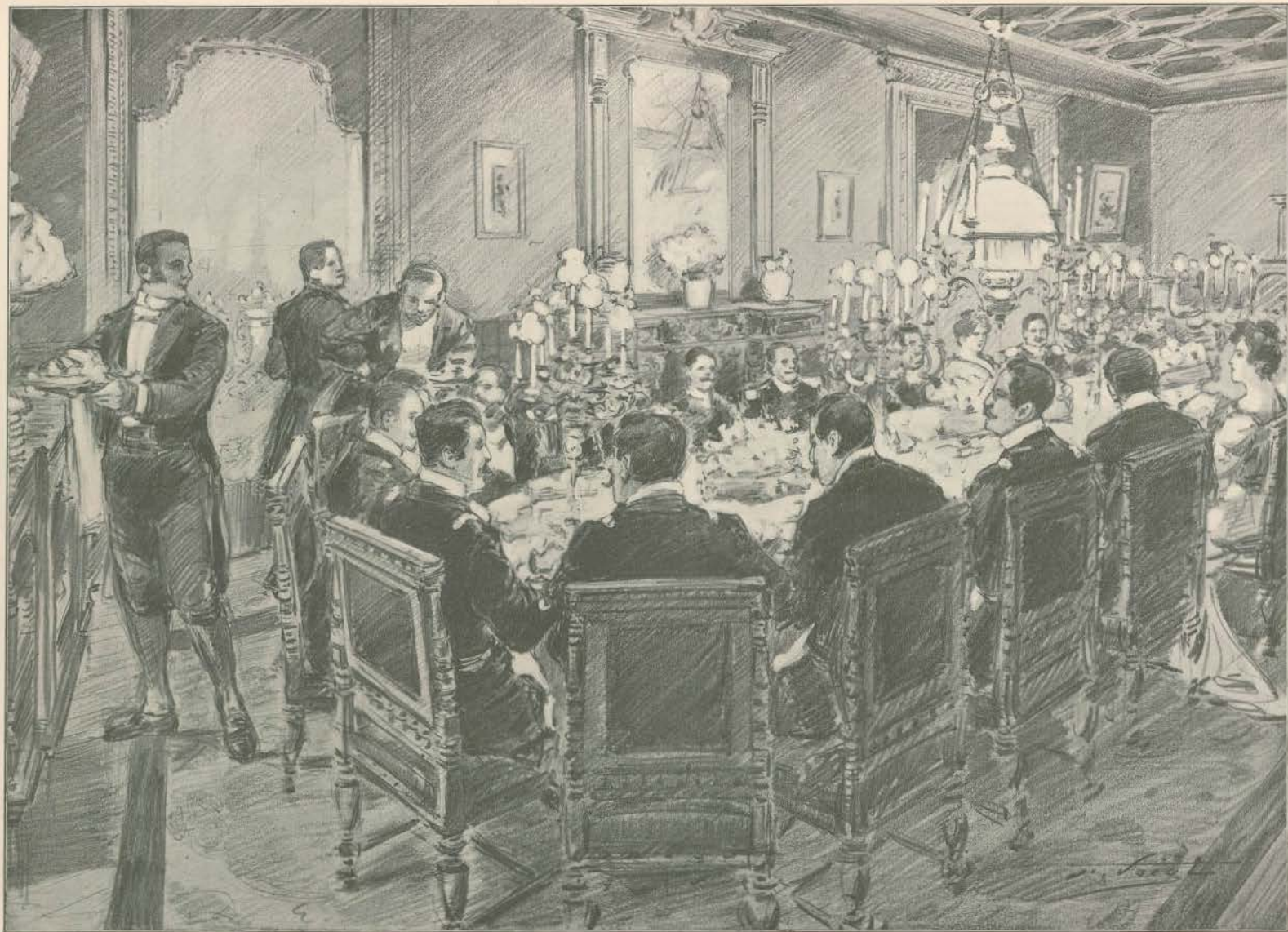


UM ASPECTO DO BAILE REALIZADO EM 3 DE FEVEREIRO, NO PALACIO FOX, RESIDENCIA DO SR. PAGE DRYAN, MINISTRO DOS ESTADOS UNIDOS E PARA O QUAL FOI CONVIDADA A OFFICIALIDADE DO «BENJAMIN CONSTANT»



OS OFFICIAES QUE ASSISTIRAM, NO HOTEL BORGES, AO BANQUETE COMMEMORATIVO DO COMBATE DE MARRAQUESE

1, Capitão Braklang—2, Capitão França—3, Coronel Ribeiro—4, Capitão Rocha—5, Capitão Dias—6, Capitão Varela—7, Capitão Pires—8, Major Cabral—9, Major Gilra—10, Capitão Valente—11, Major Cervantes.



O JANTAR OFFERECIDO PELO SR. DR. ALBERTO FIALHO, MINISTRO DO BRAZIL, AOS OFFICIAES DO «BENJAMIM CONSTANT», EM 1 DE FEVEREIRO

Na residência do sr. ministro do Brazil, na travessa da Condessa do Rio, realison-se um banquete em honra da officialidade do *Benjamin Constant* e ao qual assistiram, além do commandante d'aquelle navio, os seguintes srs.: conselheiro Wenceslau de Lima, Raphael Gorjão, conde de Paço d'Arcoz, vice-almirante Capello, contra-almirante Moraes e Sousa, conselheiro Ferreira do Amaral, con-

tra-almirante Augusto Castilho, Augusto M. Osorio, 1.º tenente Casquete, official de ordens do commandante do *Benjamin Constant*, e os officiaes brazileiros srs. Luiz Galvão, Marcelino Sousa e Lima Barros, consel e consuleza do Brazil, etc.

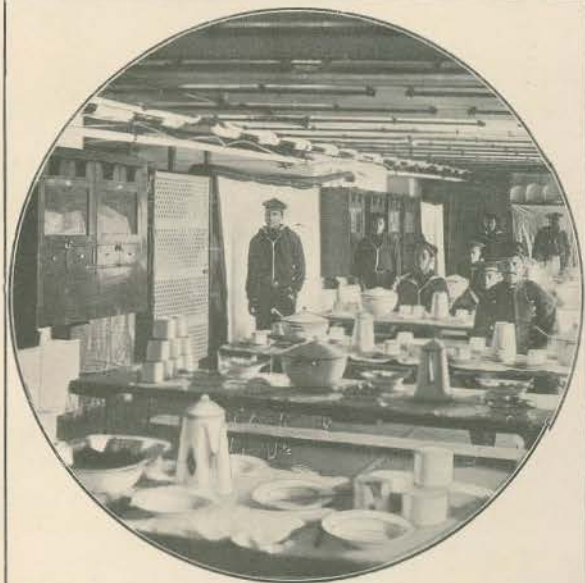
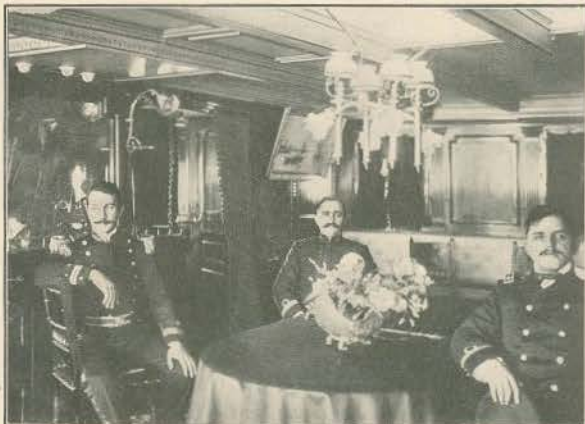


UM GRUPO DE OFFICIAES INFERIORES



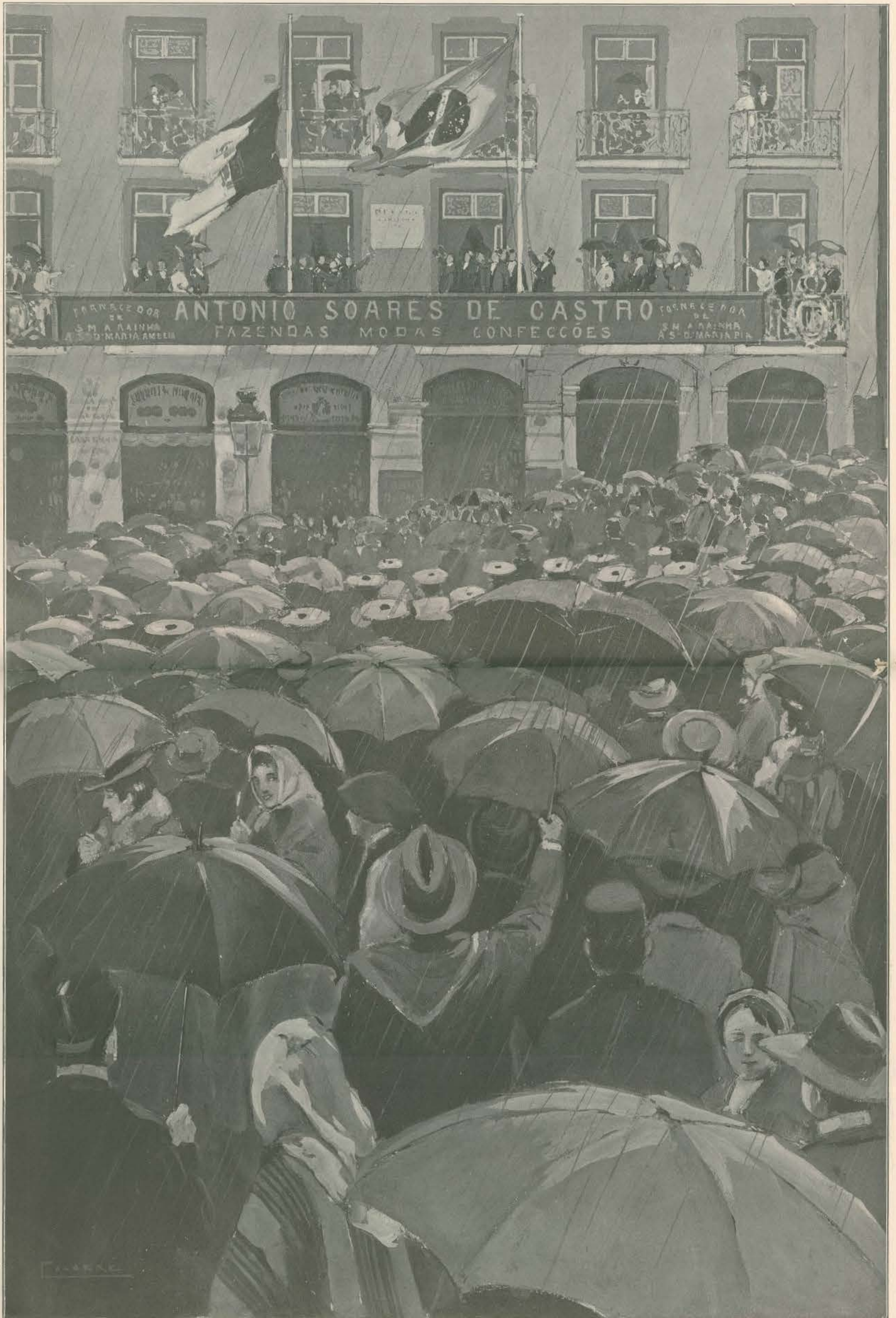
UM GRUPO DE MARINHEIROS E SOLDADOS DE INFANTARIA DE MARINHA

A tripulação do *Benjamin Constant*, navio-escola da marinha brasileira que entrou no Tejo a 23 de Janeiro, com o fim de agradecer a visita do cruzador *D. Carlos*, ao Rio de Janeiro, pela eleição do presidente da República sr. dr. Rodrigues Alves.



A BORDO DO «BENJAMIM CONSTANTE», NAVIO ESCOLA DA MARINHA BRAZILEIRA

A CAMARA DO COMMANDANTE COM O OFFICIAL PORTUGUEZ AOS ORDENS DO SR. ALENCASTRO GRAÇA E OS OFFICIAES DE SERVIÇO AO NAVIO—O REPERTÓRIO DOS MARUJOS—  
UMA MANOBRA—O COMMANDANTE DO «BENJAMIM CONSTANTE», CAPITÃO DE MAR E GUERRA SR. AFFONSO D'ALENCASTRO GRAÇA—ANTES DAS SALVAS

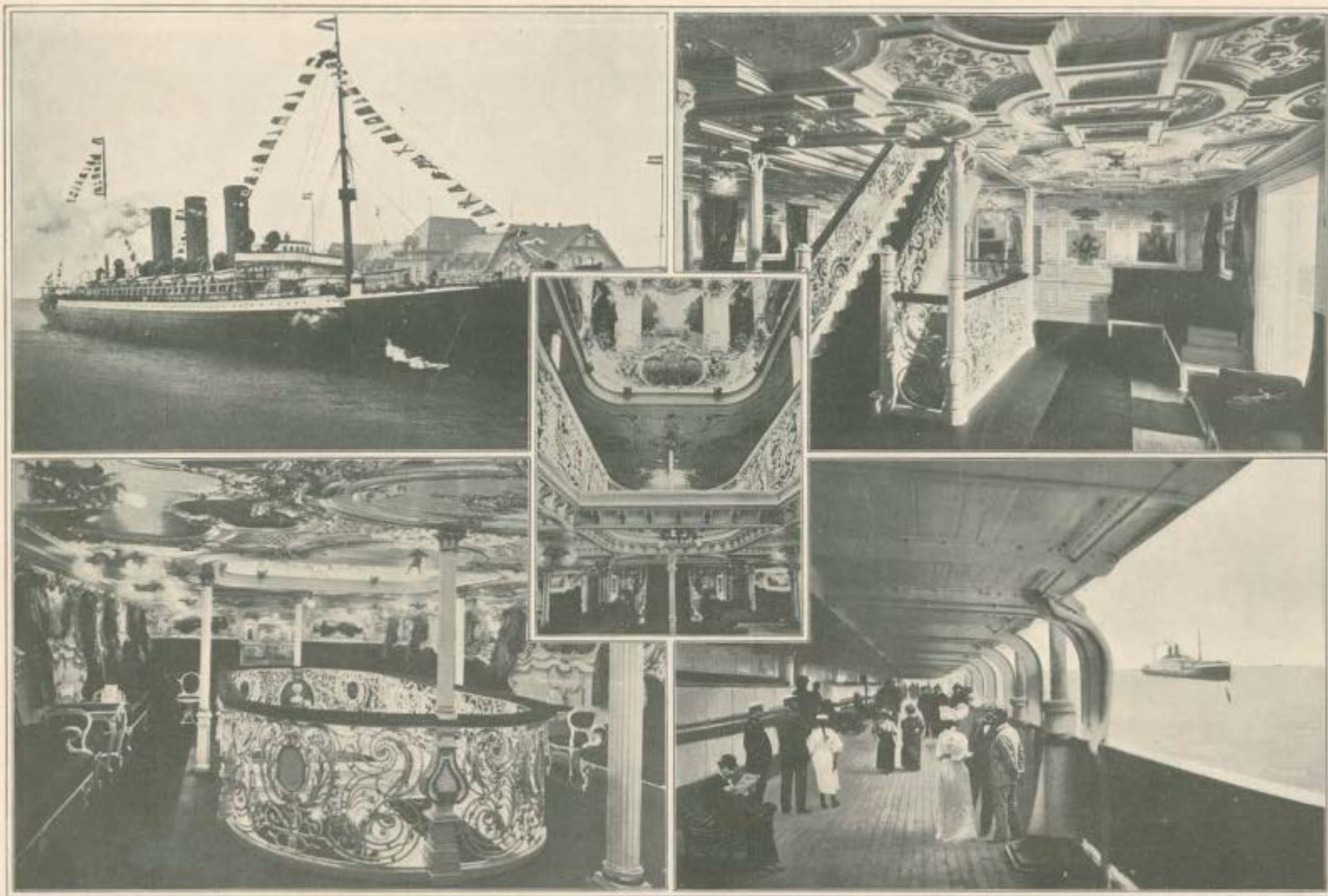


A CERIMONIA DA INAUGURAÇÃO DA LAPIDE NO PREDIO ONDE NASCEU O ALMIRANTE BARROSO, NA RUA GARRETT, 17.

Em 19 de Janeiro realizou-se esta cerimonia, diante de numero enorme de povo, com a assistencia do governo, dos officios do *Benjamin Constant* e d'uma força de marinheteiros que desembarcára do mesmo navio com a respectiva banda. A lapide estava coberta pelas bandeiras brazileira e portugueza, levando o sr. ministro do Brazil as ordens da bandeira portugueza e o sr. conselheiro Antonio d'Almeida

Castello Branco presidente da Camara Municipal de Lisboa, as da bandeira brazileira, sendo entao descoberta a lapide. A cerimonia terminou na Camara Municipal, onde os principaes assistentes assignaram um auto.  
A comissao que levou a cabo esta homenagem era composta pelos srs. : conselheiro Antonio d'Almeida Castello Branco, dr. Pedroso de Lima, dr. Piná Callado, Marcos Vieira da Silva, Augusto de Castello, Barão de Marajó, Bartholomeu de Mousset, etc.





AS INSTALAÇÕES DO PAQUETE ALLEMÃO «KAISERIN MARIA THERESIA», A BORDO DO QUAL VIERAM A LISBOA SS. AA. RR. OS PRINCIPES DE SAXE MEISINGEN

O PAQUETE—ANTESALA—CASA DE JANTAR—SALA DAS DESPESAS—A COBERTA DA 1.ª CABARA

O *Marie Theresia* desloca 8276 toneladas e tem duas máquinas de força de 9000 cavallos-vapor que desenvolvem 22 mil. H. em dois eixos mais latentes do mundo e pertence à casa Norddeutscher Lloyd. É esta a sua primeira viagem de torção, na qual percorrerá 4100 milhas marítimas e tocará nas seguintes portos: Funchal, Santa Cruz, Las Palmas, Tanger, Gibraltar, Malaga, Argel, Tunis, Palermo, Oran, onde desembarcará alguns passageiros, seguindo a viagem. Constará em Oran a segunda escala

recebendo novos passageiros e saindo d'este porto em 20 de fevereiro para visitar: Toulon, Ajaccio, Nápoles, Palermo, Malta, Alexandria, Cairo, Jaffa, Jerusalem, Jericho, Jorjic, Chania, Samsath, Bournemouth, Dunrobin, Rhodes, Siryna, indo a Constantinopla, Athos, Beirut e terminando a viagem em Veneza, após 37 dias.

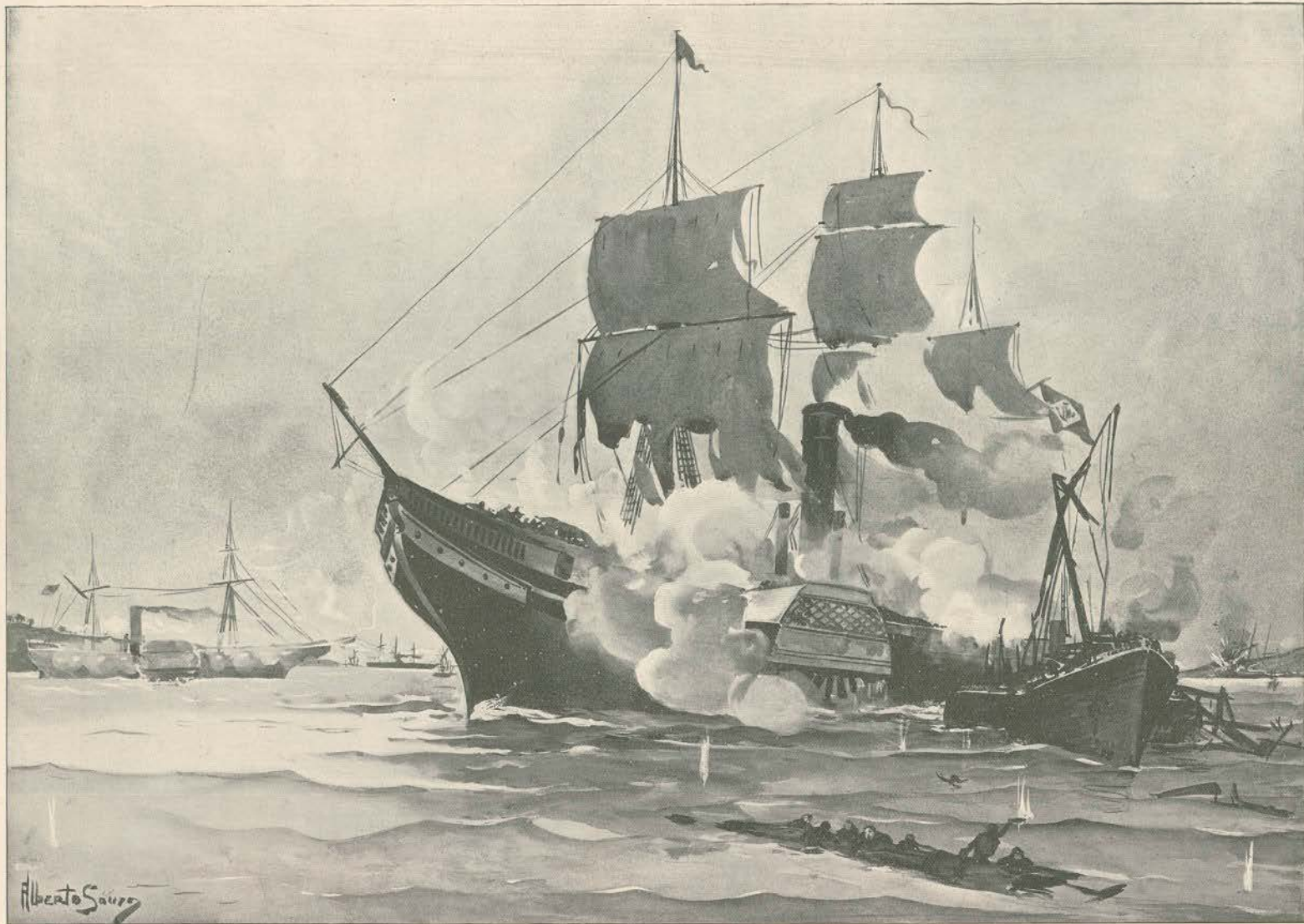


A VIAGEM DO «KAISERIN MARIA THERESIA» QUE TROUXE A SEU BORDO SS. AA. RR. OS PRINCIPES DE SAXE-MEININGEN

SS. AA. RR. À ENTRADA DO FAÇO DE CINTRA ACOMPANHADOS PELOS BARÕES DE GEMINGEN GUTTENBERG SEUS CAMARISTAS E PELA CONDESSA DE CROTA

S. A. R. o príncipe Bernardo Frederico Alberto Jorge, herdeiro de Jorge II, nasceu em Meiningen em 1 de abril de 1851. É doutor em philosophia pela Universidade de Breslau e general de infantaria, commandante do 6.º corpo d'exercito. Casou em Berlim a 18 de fevereiro de 1878 com a princesa Isabel Carlota, irmã do imperador Guilherme, e que nasceu em Potsdam a 21 de julho

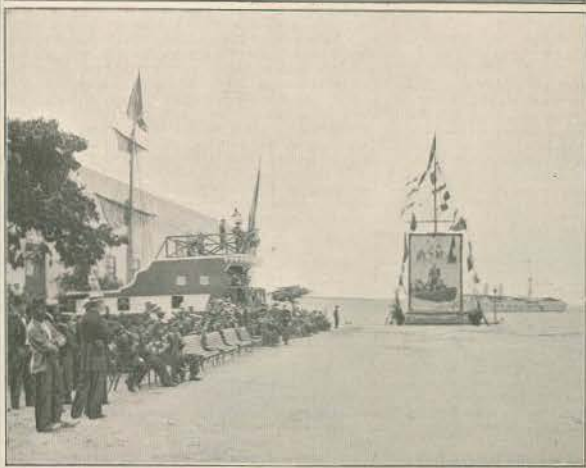
de 1860. Tem uma filha, a princesa Fedora, nascida em Potsdam em 1879 a qual casou em 1896 com o príncipe de Renss-Henrique XXX.



A BATALHA DO RIACHUELO

Esta batalha memorável teve lugar a 19 e 21 de junho de 1865, próximo de Riachuelo, um pouco abaixo de Corrientes, onde o inimigo ocupava, além do rio, os barrocos das margens. As forças navais paraguayanas eram compostas pelos navios *Belmonte*, *Marquez d'Olinda* e *Salto* e pelo vapor *Paraguay*. O almirante Barroso, depois de ter avançado contra os barcos, fez um certo fogo para terra, travando-se um tiroteio terrível que só terminou ao pôr do sol. Em 21 de junho veio um reforço paraguayano e

então a esquadra brasileira preparou-se para a abordagem. O inimigo formou em linha de batalha sob a protecção das baterias de terra. Mas em breve o *Paraguay* era metido a pique e dava-se a celebre abordagem, que marcou uma das páginas mais brilhantes da história brasileira.



A MISSÃO DOS OFFICIAES BRAZILEIROS QUE VEIU AGRADECER A VISITA DO CRUZADOR «D. CARLOS» AO RIO DE JANEIRO

2.º tenente Marcelino Alves de Sousa — 1.º tenente Pláto Galvão — 2.º tenente Alberto de Lima Barros. — A parada dos guardas-marinha na Escola Naval do Rio de Janeiro. — A entrada da Escola Naval do Rio de Janeiro (na Ilha das Encostas) — A festa annual em 11 de Junho na Escola Nava

do Hêlio de Jansiro, em commemoração da batalha de Riachuelo — O pavilhão onde o presidente da república assiste á festa.

A PROPOSITO DA HOMENAGEM AO ALMIRANTE BARROSO



## OS NOVOS PEREGRINOS

POR MARK TWAIN. TRAD. DO ORIGINAL POR ALBERTO TELLES

A viagem memorável de Noé ha de sempre ter para mim d'aqui em diante uma especie de interesse pessoal.

Se houve jámais uma raça opprimida, é esta que vemos agrihoadada em torno de nós sob a tyrannia do imperio ottomano. Eu quizera que a Europa permittisse á Russia amiquillar a Turquia um pouco—não muito, mas o sufficiente para ser difficil encontrar de novo o seu lugar sem uma varinha de condão ou uma campanha de fuzileiros. Os áyrios são pobrissimos, e, contudo, estão onçados por um systema tributario que aufresceria qual-quer outra nação. No anno passado os seus impostos foram na verdade bastante pesados—mas este anno augmentaram-nos com outros que ha annos, em tempos de fome, lhes foram perdoados. Por cima d'isto veiu ainda o governo lançar uma *decima* em todos os productos da terra. Isto, porém, é só modico do caso. O pachá de um pachalichado não se incomoda a nomear os arrecobdo-ros. Calcula em quanto todos esses impostos podem montar n'um certo e determinado districto. Põe depois em lollão a sua importancia. Convooca os homens ricos, o que cobrira o lance fica com o encargo da cobrança, que paga all mesmo ao pachá, e passa-o depois á potinga miúda, que por seu turno a passa a uma horla prata de potinga ainda mais miúda. Esta obriga o campones a trazer ao povoado, á propria custa, a sua insignificante porção de grão, que tem de ser pesado, separando-se as diversas contribuições, e revertendo o resto para o possuidor. O arrecobdor vai deixando no dia para outro o cumprimento d'esse dever, ao passo que a familia do agricultor morre de fome; por fim, o desgraçado, que bem percebe a manobra, diz:—Tome um quarto—tome a metade—tome dois terços, se assim o queirer, e deixa-me ir embora.—Não ha maior opprobrio!

Este povo é naturalmente bondoso e intelligente, e com educação e liberdade seria contente e feliz. Muitos

vezes appella para o estrangeiro, para saber se o mundo não virá algum dia soccorrer-lo e salvado. O sultão tem andado a gastar dinheiro como agua em Londres e Paris, e quem agora paga tudo isso são os seus subditos.

Esta moda de acampar dá cabo de mim. Temos agora descalcadores e uma tina para tomar banho, e, todavia, não estão desvendados todos os mysterios das bagagens que trazem os machos. Que mais haverá?

### XII

Costumes patriarchaes—A magnifica Balbec—Descrição das ruínas—Garrajas de Smith e quejandos—Fideiélidade da peregrina á letra da lei—A fonte venerada da barba de Balabo.

Fizemos uma enfadonha jornada de cinco horas ao sol através do valle do Líbano, que não é tão completamente um jardim, como nos pareceu das encostas dos montes. Um deserto, em que ha herva e muita pedra do tamanho do punho de um homem. Aqui e all os indigenas tinham cavado a terra, e colhido algum grão rabiótico, mas pela sua maior parte o valle pertencia a meia dúzia de pastores, cujos rebanhos faziam da sua parte o melhor que podiam para viver; mas tudo era contra elles. Vimos grossas rumas de pedras collocadas a espaços ao lado da estrada, e reconhecemos o costume de marcar extremas, seguido no tempo de Jacob. Não havia muros, nem vallas nem sobos—nada para assegurar a posse, senão estes montes de pedras ao acaso. Consideravam-nos os israelitas sagrados nos velhos tempos patriarchaes, e estes outros arabes, seus descendentes em linha recta, procedem da mesma fôrma. Um americano, de vulgar intelligencia, em breve alargaria a sua propriedade, com o emprego de simples trabalho manual,

feito de noite, sob um regimen tão livre do circunnallar como este.

Os arados do que esta gente se serve são apenas paus aguçados, como os que usava Abraham, e ainda elles limpam o trigo, como elle fazia—põem-no em monte no alto da casa, e depois arromossam-no ao ar com pás até que o vento tenha levado toda a palha miúda. Nunca inventam cousa nenhuma, nunca apprendem nada.

Tivemos uma bella corrida de uma milha com um arabe empoleirado n'um camello. Alguns cavallos andaram bem, mas o camello passava-lhes adiante sem grande esforço. Os gritos, as exclamações, as chicotadas e o galopar de todos os cavalleiros tornaram a corrida hilariante, excitante e particularmente tumultuosa.

A's onze horas avistámos os muros e columnas de Balbec, nobre ruína, cuja historia é um livro sellado. Está all, ha milhares de annos, servindo de enlevo e admiração dos viajantes: mas quem a edificou, ou quando foi edificada, eis o que ninguém sabe. Uma cousa, porém, é certissima. Grandeza de plano, graça de execução, como se vêem em Balbec, não foram egualadas nem sequer rastejadas em qualquer obra construída por mãos de homens nos ultimos vinte seculos.

O grande templo do Sol, o templo de Jupiter, e muitos templos mais pequenos estão amontoados no meio de uma d'ossas miseraveis aldeias da Syria, e causam uma impressão muito extranha em tão plebeia companhia. São esses templos construídos sobre substructuras massicas, que podiam supportar quasi uma montanha; os materiais empregados são pedras inteiras do tamanho de um omnibus;—muito poucas, se algumas ha, são mais pequenas que o estojo da ferramenta de um carpinteiro—e por essas substructuras correm tunneis de alvenaria, pelos quaes podia passar uma enfiada de carros. Com alicerces como esses não é para admirar que tanto tempo tenha durado Balbec. O templo do Sol tem approximadamente trezentos pés de comprimento e cento e sessenta de largo. Teve em roda cincoenta e quatro columnas, mas actualmente apenas seis estão de pé—as outras estão tombadas junto da sua base, formando um confuso e pittorresco montão. As seis columnas são perfectas, como tambem as suas bases, capiteis corinthios e entablamento—e mais seis columnas no mesmo estado não existem. As columnas com o entablamento medem noventa pés de altura—elevação prodigiosa, na verdade, para fustes de pedra attingirem—e, todavia, a gente só pensa na sua belleza e symetria, quando olha para ellas; os pilares parecem delgados e delicados, e o entablamento com os lavores da sua esculptura assemelha-se a obra rica de estuque. Mas, quando tendes estado a admirar para o alto até a vista se cansar, e a baixas depois para os grandes pediceos de columnas que vos rodeiam, então reconhecéis que tem oitenta pés de espessura; e com elles fazem bellos capiteis apparentemente tão grandes como um canal; e tambem algumas lapides, soberbamente esculpidas, que tem quatro ou cinco pés de grossura, e cobririam de todo o tecto de uma sala ordinaria. Pasmaes cogitando d'onde seria que vieram essas monstruosidades, e leva algum tempo para vos inteirardes de que a aerea e graciosa fabrica que campêia sobre a vossa cabeça é feita das suas companheiras. Parece um grande absurdão.

O templo de Jupiter é uma ruína mais pequena do que aquella a que acabo de me referir, e, todavia, é im-

menso. Está em razoável estado de conservação. Um renque de nove colunas está quasi indenne. Tom sessenta e cinco pés de altura, e sustenta uma especie de portico ou tecto, que as liga com o do edificio. Este portico coberto é composto de trezentos corpos de pedra, tão bellamente esculpidos pela parte posterior que, vistos de baixo, parecem um fresco. Uma ou duas dessas pedras cahiram, e outra vez me causou assombro que os montes gigantescos de pedra esculpidos que jaziam em torno de mim não fossem maiores que os que estavam por sobre a minha cabeça. No interior do templo a ornamentação era bem trabalhada e colossal. Que maravilhosas belleza e grandezza architectonica deve ter sido este edificio quando era novo! E que nobre painel elle e o seu majestoso companheiro, com o calvos dos formidaveis fragmentos disseminados em volta de si, ainda fazem ao luar!

Não posso conceber como esses immensos blocos de pedra se puderam extrahir das pedreiras, ou como foram erguidos ás vertiginosas alturas que tem nos templos. E, todavia, esses pedregulhos esculpidos são uma maravilha, quanto á dimensão, comparados com as pedras enormes, toscamente lavradas, que formam a larga varanda ou plataforma que cerca o templo grande. Uma secção d'essa plataforma, de duzentos pés de comprimento, é composta de lagos tão grandes como um carro de bagagens, e algumas d'ellas maiores. Passam acima de um muro de dez ou doze pés. Eu julgava que essas pedras eram grandes, mas veem a ser uma insignificancia em comparação com as que formavam outra secção da plataforma. Havia tres, e a meu vêr, cada uma d'ellas tinha pouco mais ou menos a mesma extensão que tres carros de bagagens postos em linha, embora tenham mais um terço de largura e outro de altura do que um carro de bagagem. Talvez que dois wagons de mercaderias, do maior padrão, unidos pelas extremidades, representem melhor a sua dimensão. Em comprimento combinado, essas tres pedras mediam approximadamente duzentos pés; tem tres pés quadrados; duas d'ellas tem sessenta e quatro pés de comprimento, cada uma, e a terceira sessenta e nove. De dentro do muro massico sobem um vinte pés acima do solo. Lá estão, e é um problema como tal succeder. Todos esses grandes muros são tão perfectos e bem proporcionados como as cousas triviaes que se constroem do tijolo nos nossos dias. Ha muitos seculos que uma raça de deuses ou de gigantes deve ter habitado Balbec.

Fomos vêr a pedreira d'onde se tiraram as pedras do Balbec. Era a um quarto de milha de distancia, por uma onesta estrada. Em um grande fosso jazia a companhia da pedra maior que ha nas ruínas. Ali ficou, quando os gigantes d'esse antigo tempo olvidado a deixaram, por terem sido de lá chamados — exactamente como elles a deixaram, para permanecer durante milhares de annos, eloquentemente exprobado aos que são inclinados a pensar ligeiramente dos homens que viveram antes d'ellos. E ali jaz essa pedra enorme, esquadriada e prompta para ir para as mãos do architecto — solido formidavel de quatorze pés por dezesse, apenas poucas pollegadas menos do que setenta pés de comprimento! Na sua superficie cabiam dois tibiaris em frente um do outro, e ainda flouva espaço sufficiente para um homem ou dois andarem de cada lado.

Quem jurasse que todos os Joões Smiths e Jorge Wilkinson, e todos os outros infimos ninguens entro o Grande Lago Salgado e Balbec escreveriam os seus miseros nomesinhos sobre os muros das magnificas ruínas de Balbec, com o aditamento da cidade, contada e estado d'onde são provenientes — acertaria infallivelmente; Pena é que uma grande ruína não caia sobre alguns d'esses reptis, e livre para sempre a sua especie de já mais entregar o seu nome á fama sobre quaisquer muros ou monumentos.

Com as ruínas azemulas que montavamos, a jornada para Damasco devia bem durar tres dias, mas era necessario que a fizessomos em menos de dois. Porque os nossos tres peregrinos não queriam jornadasear no dia do descauco dominical. Todos nós tinhamos a melhor vontade de guardar o dia do descauco; ha, porém, occasiões em que cumprir a letra d'uma lei sagrada, cujo espirito é justo, se converte em peccado, o esse é exactamente o caso de que se trata. Pleiteámos pelos cavallos caucados e mal tratados, adduzindo em favor d'ellos que o seu hol servio merecia a bondade como recompensa, e a sua triste sorte compaixão. Mas quando foi que a infelicitosa conheceu o sentimento da piedade? Que valiam algumas longas horas adicionais ás durezas que padeciam nos animaes sobre-carragados, postos na balança em opposição ao perigo d'essas almas humanas? Não era lá muito boa companhia para viajar esperar obter com o exemplo dos seus devotos maior veneração para a religião. Dissemos que o Salvador, o qual lastimou os animaes irracionais, e ensinou que o hol deve ser tirado do lodo até no dia de descauco; não teria aconselhado uma marcha forçada como esta. Dissemos que a «longa volta» era exhaustiva e, portanto, perigosa nos ardentes calores do estio, ainda quando eram os periodos dos dias ordinarios, e, se persistissemos n'esta dura marcha, poderiamos, em consequencia d'ella, ficar prostrados pelas febros do paiz. Nada ponde mover os peregrinos. Deviam aviar-se. Os homens podiam morrer, os cavallos podiam morrer, mas elles tinham de pensar na Terra Santa na proxima semana, sem a nodos de terem faltado ao preceito do descauco dominical. D'esto modo queriam commetter um peccado contra o espirito da lei religiosa para poderem respeitar a letra d'ella. Não valia a pena dizer-lhas «a letra mata»? Estou falando agora de amigos pessoaes; homens de quem gosto, homens que são bons cidadãos, que são respeitavos, rectos, conscienciosos; mas cuja idéa da religião do Salvador me parece alterada. Suprem incessantemente as nossas omissões, e todas as noites nos reunimos e nos lêem capitulos do Novo Testamento, que estão cheios de bondade, de caridade e de misericordia; e todos então no dia seguinte saltam para os seus sellins e vão até o cume d'essas montanhas escabrosas e descem por ellas abaixo. Aplicar a bondade, a caridade e a misericordia do Evangelho a um cavallo de jornada, caucado e fatigado, é disparate. Essas cousas são para as humanas creaturas de Deus, e não para animaes. O que os peregrinos preferem fazer, relativamente á sua natureza quasi sagrada, requer que passe adiante — mas eu gostaria igualmente de suprehender qualquer outro membro do grupo conduzindo outra vez o seu cavallo por um d'esses fatigantes montes acima!

Aos peregrinos demos bastantes exemplos que podiam



ser-lhes proveitosos, mas é tempo perdido. Nunca dos nossos labios ouviram uma palavra mal sonante para qualquer de elles — mas tem questionado uma ou duas vezes. Praxinos ouviu-os então, depois de nos estarem instruindo com leituras. Pois logo a primeira coisa que fizeram, ao desembarcarem em Beirouth, foi questionar no escalor. Disse que gostava d'elles e gosto, mas sempre que me fazem ouvir um trecho, penso em falar d'isso na imprensa.

Não contentes do passarem as legitimas paragens e deixarem a estrada real, foram por fóra d'ella para visitar uma absurda fonte chamada Figa, onde bebem outra a burra de Balaão. Por maneira que fomos andando através dos terriveis montes e desertos, debaixo de um sol abraizador, em busca do peço venerado da jumenta de Balaão, a santa padroeira de todos os peregrinos como nós. No meu livro de notas encontro as seguintes linhas:

«A cavallo hoje, ao todo, treze horas, em parte através de desertos, e em parte por folios montes escabrosos, e ultimamente em sitios asperos e penhascosos, tendo acampado proximo das onze horas da noite nas margens de um rio limpido, perto de uma aldeia da Syria. Não he sei o nome — não quero sabê-lo — preciso do meu deltar. Dois cavallos manceos (o meu e do João) e os outros estropiados, João e eu fizemos a pé tres ou quatro milhas, por sobre montes, e levámos os cavallos á mão. Brincadeira — que não é pesada.»

Doze ou treze horas sobre o sellim, ainda em terra e clima christão, e n'um bom cavallo, é jornada fatigante, mas n'um forno como a Syria, no estarrapado sellim, que escorrega de pópa á proa e do bombordo a estibordo, e de todos os modos, sobre um cavallo que está caucado e cêxo, e precisa de ser acoutado e esportado, quasi sem interrupção de um momento, durante todo o dia, até ter sangue nas ilhargas, e, sempre que daes de esporas, a vossa consciencia a accusarvos, se não me dáde de um homem — é jornada para ficar monovavel na amargura do espirito, e excedida com vehemencia durante boa parte da vida de um homem.

FOLHETIM N.º 13

(Continúa.)



Por lapso de revisão do traductor, no folhettim 12, pag. 207, linha 32 substitui-se a palavra inglesa *tickshew*, em vez da sua vesada\* propria *espórtiva*. Uma esportiva permitissima a entrada\* como deve lé-se.



UM EXERCÍCIO DE GUARDAS-MARINHA NA ESCOLA NAVAL DO RIO DE JANEIRO (ILHA DAS ENXADAS)

## CHRONICA ELEGANTE

Approximam-se o carnaval, a epocha tradicional das folias e folguedos de toda a especie, mas que nas classes superiores, aristocraticas e elegantes, vae do anno para anno perdendo toda a sua antiga feição.

Hoje, por motivos ponderaveis e do ordm essencialmente pratica, as mascaradas *chics* reduzem-se a grupos mais ou menos numerosos que compõem nos trajes *sol disant* de mascara, feitos á pressa, com o unico intuito do *disfarçar*, e que assim percorrem as casas conhecidas onde se recebe. O *travesti* rico e apurado é actualmente privilegio quasi exclusivo das croações, que apparecem deliciosas e encantadoras; mas, n'outros tempos, havia bailões *costumada* a valer, em que se não dispensava a possea nenhuma o *travesti*. Existem ainda muitas pessoas que se recordam das aristocraticas e animadas festas carnavalescas dadas nos elegantes salões de D. Maria



FIGURA 1

Krus e em muitos outros do tão saudosa memoria.

O *travesti* não é banal; precisa ser escolhido com criterio e bom gosto, e excentado com toda a grandeza, não prescindindo de nenhuma minuciosidade caracteristica. Aos portos elevados e magestosos convõem os trajes de *Juno, Minerva, Norma, Romana, Imperio*, com as longas roupas *drapées* á antiga, os finos corpetes á *Medicis* e *Isabel d'Inglaterra*, as *angulinas*, os *paniers*, as grandes golas, e todas as complicações de vestuario que precisam amplo espaço para se ostentar. As deliciosas *mignonnes* ficam encantadoras com os trajes *Watteau*, os fatos de *Russas, Napolitanas, Gitanas, Manolas*, as fantasticas imitações do flores e geralmente tudo quanto pede o fato curto, desastroso para as pessoas altas. Mas, como dissemos, o baile *costumé* passou á historia; quando muito fala-se n'algumas *soirées* ou *diners de têtes*; embora não tenham a mesma graciosidade que o *travesti* completo, as *têtes* prestam-se tambem a diversas fantasias interessantes e podem revelar accentuado cunho artistico, quando sejam



FIGURA 2

bem adequadas ao physico e á phisnomia, escolhendo-se para as acompanhar uma *toilette* moderna, que esteja em relativa harmonia.

Com uma *tête* pontonda á idade média pôde usar-se um vestido moderno mas de seda *brocari* ou lavrado, com fendas de *Veneza*, cinto dobrado, pondo completamente de parte os tecidos ultra modernos, como *musseline* de seda, *chiffon*, flores etc.

Fig. 1—Traje de recepção em seda escoceza: casaco com abas em *faulle* verde escuro com bordados *découpés* em aberto.

Fig. 2—*Costume travesti Chardon*. Em setim verde pallido com applicação de velludo verde de dois tons imitando folhas de carvo, Cardos roxos nos hombros, no pentado e nos sapatos.

Fig. 3—Traje de *soirée* em tullo *pointillé* crème com fitilhos de velludo *vert russe*.



FIGURA 3



Os tripulantes da lancha *Coração de Maria* que salvaram os naufragos do vapor ingles *Cygnet*. O vapor *Cygnet* soffreu uma avaria no sitio das *Purias*, em *Boarcos*, sendo salvos 9 dos seus tripulantes pelo barco *Coração de Maria* sob o commando do arrees Pedro Gomes Charana.



PEDRO GOMES CHARANA  
O arrees do barco *Coração de Maria*